

O design, o cemitério e a educação patrimonial: um estudo para a construção de um caderno de atividades pedagógicas

RESUMO

O artigo discorre sobre o *Design* como orientador de atividades de educação patrimonial, tendo como objeto de estudo o patrimônio cultural, Cemitério do Bonfim, situado na capital Belo Horizonte, estado de Minas Gerais. O objetivo do estudo foi demonstrar que o *Design* pode contribuir à elaboração de atividades voltadas para a educação patrimonial. A partir de procedimentos metodológicos, revisão da literatura, realização de entrevistas, aplicação de questionário, execução de workshop e observação, foi possível identificar a competência do *Design* para a consolidação de práticas educativas, assim como reconhecer e enfatizar o papel dos estudantes no processo de criação destas. Como resultado, obteve-se, de maneira concisa e prática, a idealização de um Caderno de Atividades Pedagógicas para a Educação Patrimonial, sustentado pelo processo de *Design*.

Palavras-chave: *Design*; Educação Patrimonial; Cemitério do Bonfim; Interdisciplinaridade.

* Doutora em Ciências Sociais Aplicadas/Systemic Design junto ao Politecnico di Torino (POLITO), Itália. Atua como Professora da Graduação e da Pós-graduação da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). CV: <http://lattes.cnpq.br/1400735231277107>

** Mestre em Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). CV: <http://lattes.cnpq.br/3851923141264636>

The design, the cemetery and the heritage education: a study for the construction of a notebook of pedagogical activities

ABSTRACT

The article discusses the Design as a guide for heritage education activities, having the cultural heritage as the object of study, Bonfim Cemetery, located in the capital Belo Horizonte, in the state of Minas Gerais. The study's objective was to demonstrate that Design can contribute to elaborating activities focused on heritage education. Through methodological procedures, literature review, interviews, questionnaire application, workshop execution and observation, it was possible to identify the Design competence for the consolidation of educational practices, as well as to recognize and emphasize the students' role in their creation process. As a result, it was obtained, in a concise and practical way, the idealization of a notebook of pedagogical activities for heritage education, supported by the Design process.

Keywords: Design; Heritage Education; Bonfim Cemetery; Interdisciplinarity.

El diseño, el cementerio y la educación patrimonial: un estudio para la construcción de un cuaderno de actividades pedagógicas

RESUMEN

El artículo discute el *Design* como guía para actividades de educación patrimonial, teniendo como objeto de estudio el patrimonio cultural, el Cementerio de Bonfim, ubicado en la capital Belo Horizonte, en el estado de Minas Gerais. El objetivo del estudio era demostrar que el *Design* puede contribuir al desarrollo de actividades centradas en la educación sobre el patrimonio. A través de procedimientos metodológicos, revisión bibliográfica, entrevistas, aplicación de cuestionarios, realización de talleres y observación, fue posible identificar la competencia de *Design* para la consolidación de las prácticas educativas, así como reconocer y destacar el papel de los estudiantes en el proceso de su creación. Como resultado, se obtuvo, de forma concisa y práctica, la idealización de un cuaderno de actividades pedagógicas para la educación patrimonial, apoyado en el proceso de *Design*.

Palabras clave: *Design*; Educación patrimonial; Cementerio de Bonfim; Interdisciplinarietàad.



No cenário social contemporâneo, as conexões e interações resultam em trocas culturais em escala global. Porém, é necessário garantir a perpetuação da diversidade social, cultural e étnica local. Nesse sentido, é importante reforçar as memórias individuais e coletivas, e representar a história e a identidade das comunidades ou de grupos sociais. A educação é um dos principais meios de aquisição de conhecimento e que, por sua vez, é um catalisador para sensibilizar e promover a noção de pertencimento, instigando uma valorização e preservação de inúmeros patrimônios culturais. Esse contexto configura um campo fértil para ampliar a abrangência de atuação do *Design*, nas esferas social e cultural.

Nesta perspectiva, esse artigo apresenta a elaboração de atividades para educação patrimonial orientadas pelo *Design*, com o intuito de ressaltar os significados do bem cultural como memória, identidade e narrativa da história e da cultura local. Como objeto de estudo, o “Cemitério do Bonfim”, situado na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte. Inaugurado em 1897, este Cemitério foi a primeira necrópole da cidade, atualmente é considerado como um espaço de expressão artística e histórica.

O artigo parte da revisão da literatura, apresentando processos e metodologias de *Design*, as competências destes profissionais e, com o intuito de ampliar a compreensão da educação patrimonial e dos cemitérios, conceitua o termo “patrimônio cultural”. Especificamente sobre o Cemitério do Bonfim, a pesquisa abordou desde sua história, características culturais, arquitetura do território em que está inserido, até iniciativas de preservação e de educação patrimonial cemiterial. Por fim, foi verificada uma aproximação do *Design* com o patrimônio cultural, mediante: (i) realização de atividades de educação patrimonial, que ocorrem frequentemente no Cemitério do Bonfim; (ii) pesquisas e projetos realizados por graduandos da Escola de *Design*, da Universidade do Estado de Minas Gerais (ED-UFG), no âmbito da Iniciação Científica.

Para compreender o perfil dos visitantes do Cemitério do Bonfim e verificar sua relação com o espaço, foram aplicados questionários e realizadas entrevistas. Tal processo permitiu ainda: (i) estabelecer uma relação mais próxima com as práticas de educação patrimonial realizadas no cenário cemiterial; (ii) perceber a importância do conhecimento sobre o tema para sensibilizar a população e, conseqüentemente, colaborar na preservação do bem; (iii) decidir quanto ao público-alvo para a utilização do Caderno de Atividade.

Por meio da metodologia do *Design* Estratégico e do emprego de suas ferramentas, foram estruturados *workshops*, nos quais participaram estudantes de Design da ED-UFG. O intuito dessa dinâmica foi averiguar a efetividade de sua utilização no desenvolvimento de atividades para educação patrimonial. Os resultados atestaram que a metodologia estimula a discussão e favorece o processo colaborativo de geração de alternativas, por meio da criação de cenários. Assim, o artigo apresenta o *Design* como facilitador de práticas educativas direcionadas aos estudantes do ensino médio.



Design

O campo do *Design* é considerado com a capacidade de reunir atributos tanto da arte quanto da ciência, o que significa que envolve o discernimento intuitivo e o pensamento científico, além de redefinir formas e incorporar os desejos em artefatos, gerando vivências emocionais, cognitivas e estéticas que promovem o bem-estar do usuário (Denis, 1998; Forty, 2007; Mozota, Klopsch, Da Costa, De Borba & Ribeiro, 2011). Como prática projetual, o *Design* é capaz de trazer à realidade ideias abstratas, interagindo com diversas áreas do saber. A partir de contextos complexos,¹ repletos de ações e relações, o *Design* interpreta cenários e gera diversas soluções nos âmbitos social, cultural, ambiental e econômico, uma vez que sua atuação intrinsecamente interdisciplinar produz conhecimentos mais abrangentes (Costa, 2013; Jacobi, De Toledo & Grandisoli, 2016; Moraes, 2011).

De acordo com Sanders e Stappers (2008), o *codesign* é caracterizado como uma abordagem do *Design* que atua por meio de processos colaborativos entre os designers e os não designers. Nesta perspectiva, é possível gerar novas possibilidades frente às diversas realidades, das quais a discussão social pode contribuir para a geração de cenários futuros possíveis e sustentáveis (Manzini, 2008), para a construção e/ou fortalecimento das relações significativas entre os atores, favorecendo a inovação social (Serpa & Cipolla, 2016).

Nesse contexto, a capacidade desses profissionais é enfatizada, por meio de seus métodos e ferramentas, de compreensão do contexto de maneira sistêmica, para projetar ações que facilitem a colaboração, promovendo soluções mais apropriadas e sustentáveis no arco do tempo. Este tipo de abordagem, característica da metodologia desenvolvida por Bistagnino (2009) denominada "*Design Sistêmico*", permite uma visualização abrangente de determinado território² e facilita a análise de suas relações sociais. Este processo viabiliza a identificação de aspectos positivos e revela distintas oportunidades, a partir dos saberes-fazer da comunidade, de suas atividades produtivas e dos recursos locais disponíveis. Como resultado, há uma previsão da transformação do território como um todo, por etapas, guiado por um novo modelo econômico-produtivo justo e sustentável, nos âmbitos social, cultural, ambiental, econômico e ético (Bistagnino, 2016).

Certamente, as abordagens devem ser ajustadas ao contexto. Nesse sentido, a concepção de cenários apresenta-se como ferramenta alternativa para uma interpretação da realidade. Esta técnica promove o compartilhamento das metas e a definição de formas mais eficazes de alcançá-las. Segundo Franzato e Celaschi (2012), seus resultados – representações visuais facilmente interpretáveis – instigam e propiciam a discussão. Nesta perspectiva, o projeto de cenários orientados pelo *Design*: (I) atribui ao *designer* o papel de articulador e estimulador das diversas concepções dos atores sociais envolvidos; (II) situa o humano no centro do projeto; (III) visualiza o futuro, alinhando os recursos tecnológicos ao contexto;

¹ "*complexus* significa o que foi tecido junto [...] um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si" (Morin, 2000, p. 38).

² "Território é considerado como o espaço ocupado por uma comunidade que se reconhece, que se relaciona, que possui a mesma herança cultural e histórica, que convive com os mesmos problemas, que forma uma unidade em um contexto particular" (Pêgo & Miranda, 2014, p. 102).



(IV) busca soluções para problemas reais (Franzato & Celaschi, 2012; Krucken, 2008; Manzini, 2008; Meroni, 2008; Moraes, 2011).

Assim, considera-se que o *Design* pode ser aplicado no âmbito da educação, estabelecendo conexões com o ensino e a aprendizagem de maneira ativa e interdisciplinar, por meio da idealização de mudanças, além de oportunizar o desenvolvimento das habilidades de imaginar, externar, fazer uso de ferramentas e recursos, e de aprender pela experiência. A educação orientada pelo *Design* incentiva os jovens a agirem, social e colaborativamente, na construção do aprendizado por intermédio da experiência, de maneira a experimentarem o mundo conscientemente. Tal interação contribui para o ensino, auxiliando nas tomadas de decisão, na criação de soluções conforme as demandas e as necessidades da sociedade, utilizando os recursos do *Design* para transformar o contexto em que vivem esses jovens, inclusive em ambientes fora da escola (Fontoura, 2002).

Nesse sentido, verificou-se a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que: (I) normatiza as aprendizagens essenciais que os estudantes devem desenvolver ao longo de toda a educação básica; (II) contém diretrizes que orientam as escolas na elaboração de projetos educacionais e planos pedagógicos; (III) regulamenta as políticas e ações referentes à formação de professores; (IV) regulariza a avaliação e a elaboração de práticas pedagógicas e experimentais. O objetivo da BNCC é assegurar uma educação integral,³ visando produzir no discente a capacidade de reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável”.⁴ Dessa maneira, considera-se que as competências do *Design* contribuem para alcançar os objetivos propostos na BNCC.

Por meio do processo de *Design* e das ponderações de Fontoura (2002), foram elaboradas atividades para a educação patrimonial. Em função deste recorte, a próxima seção discorre brevemente acerca do patrimônio cultural.

Patrimônio cultural

O termo “patrimônio” está relacionado às especificidades que um grupo social considera como sua cultura própria e que sustenta a sua identidade, desde bens físicos, como monumentos históricos e desenho urbanístico, às tradições imateriais (Canclini, 1994). A importância do patrimônio baseia-se no poder de perpetuação da história das sociedades, um legado da memória coletiva, essencial para a construção da identidade individual e coletiva das pessoas a ele vinculadas. Formulam-se diferentes usos da memória e criam-se conceitos e valores pelas experiências históricas e das gerações, ressaltando o patrimônio como alvo de preservação (Le Goff, 1990).

³ “Na história educacional brasileira, as primeiras referências à educação integral remontam à década de 1930, incorporadas ao movimento dos Pioneiros da Educação Nova e em outras correntes políticas da época, nem sempre com o mesmo entendimento sobre o seu significado”. Base Nacional Comum Curricular. (2017). Ministério da Educação. 2017. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

⁴ Base Nacional Comum Curricular. (2017). Ministério da Educação. 2017. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.



A construção da memória coletiva, todavia, depende dos meios sociais e políticos, assim como das experiências das gerações, pois estas constroem a história e os lugares de memórias, sejam eles monumentais (como arquivos, bibliotecas, museus, cemitérios e arquiteturas) ou simbólicos (como peregrinações, ícones e aniversários) (Le Goff, 1990).

De acordo com Castriota (2009), o “patrimônio cultural” é o conjunto de bens culturais que se referem às identidades coletivas. Compreende os monumentos históricos e artísticos, inclusive as paisagens, tradições, expressões de arte, saberes populares e documentos. Assim, o patrimônio cultural está ligado às maneiras específicas como os grupos sociais se expressam ao longo dos anos e como interagem com as gerações anteriores. O patrimônio sofre interferências conforme a história e a demanda da geração presente, seja na adesão, na conservação ou no esquecimento. O processo de conhecimento e descoberta, a respeito do patrimônio cultural, é constante (Grunberg, 2007; Horta, Grunberg & Monteiro, 1999; Maltêz, Sobrinho, Bittencourt, Miranda, Martins & De Castro, 2010).

Um dos instrumentos relevantes para sensibilização, preservação e conservação do patrimônio cultural é a “educação patrimonial” que, segundo Florêncio (2015), consiste em uma metodologia baseada em ações, tendo a comunidade detentora como guardiã do bem cultural. Sua importância é revelada ainda no âmbito da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9394/96, artigo 1º, na qual a educação patrimonial é conceituada como um conjunto de conhecimentos aprendidos no cotidiano familiar, “no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”, sendo a cultura um importante formador de indivíduos.⁵

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a “educação patrimonial” é definida como um conjunto de processos educativos formais e não formais, que buscam a apropriação do patrimônio cultural pela sociedade como instrumento para entendimento da história social. É construída de maneira coletiva e democrática, mediante um compartilhamento entre a comunidade produtora dos bens culturais e os agentes das instituições (Florêncio, Clerot, Bezerra & Ramassote, 2012).

No que se refere à política pública do estado de Minas Gerais, no âmbito da deliberação do Conselho Estadual do Patrimônio Cultural (CONEP) nº 06/2018, define que os processos de educação patrimonial devem: (I) considerar o alcance e a diversidade da democratização do conhecimento; (II) proporcionar o diálogo permanente entre os atores culturais e sociais; (III) promover a participação concreta das comunidades que detêm e produzem as referências culturais.

A partir desse arcabouço, infere-se que a educação patrimonial viabiliza a compreensão, apropriação e valorização do patrimônio, da sociedade e da cultura, além de suscitar uma reflexão acerca das maneiras de contemplar e se relacionar com o patrimônio. Para tanto, é necessário promover atividades educativas que envolvam os bens culturais, e as edificações isoladas, dos territórios como espaço suscetível de interpretação. O valor histórico do

⁵ Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (1996, 23 de dezembro). Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Casa Civil. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

patrimônio cultural está associado à relevância social atual, atribuído pela comunidade onde está inserido (Florêncio, 2015).

Nesse sentido, considera-se a educação patrimonial como instrumento fundamental para uma construção do conhecimento e da noção de identidade e pertencimento, assim como para a valorização, proteção e conservação do patrimônio cultural. Nessa perspectiva, a próxima seção trata da educação patrimonial no âmbito cemiterial e da caracterização do cemitério no contexto do século XIX, o mesmo da construção do Cemitério do Bonfim.

Os cemitérios e a educação patrimonial

A caracterização dos cemitérios como patrimônio cultural dá-se pela presença de vários elementos, como túmulos, lápides, epitáfios e esculturas, pelos quais pode-se compreender as especificidades e significações de uma cultura, elaboradas em determinado tempo e lugar (Ribeiro & Prados, 2014). Os cemitérios do século XIX são conhecidos pelas obras ali presentes, no entanto, somente após as décadas de 1970 e 1980 foram considerados patrimônios culturais.

Os discursos presentes nos cemitérios são de significação da vida social, dos sentidos das práticas sociais e dos valores envolvidos no ato de enterrar os mortos, além de exprimirem as características e os interesses de determinado grupo. As manifestações subjetivas no tempo e no espaço caracterizam o discurso histórico construído pela memória coletiva. Estas, a partir dos meios sociais e políticos e das experiências, formam a história e os lugares de memória, e estão sujeitas a transformações de acordo com a atribuição de valor das relações (Ribeiro & Prados, 2014).

Portanto, a análise dos cemitérios, nos âmbitos da religião, história, arquitetura, arte e educação, proporciona um entendimento a respeito da sociedade, da cultura, da história e de suas relações sociais, em uma época específica (Almeida, 2014; Costa, 2011; Ribeiro & Prados, 2014). Os monumentos presentes nos cemitérios revelam as características dos costumes e crenças de uma região, pois portam as referências culturais, por intermédio das dimensões e das formas dos túmulos, assim como dos símbolos aplicados (Castro, 2010b). Os usos, costumes, rituais, condutas e manifestações que cada cultura exerce em torno da inevitabilidade da morte e da disposição dos restos mortais são de igual importância e constituem uma das manifestações da diversidade cultural que têm acompanhado a espécie humana desde tempos remotos, e seguirão acompanhando até a sua extinção (Londoño, 2005).

A categorização dos cemitérios como patrimônio cultural é inicial. O patrimônio funerário no Brasil e no exterior tem recebido atenção de associações, com o intuito de elaborar declarações, leis e atividades de educação patrimonial para a sua preservação (Castro, 2010a; Tavares, 2016). As discussões a respeito do tema, porém, podem ser consideradas reduzidas, se comparadas à relevância de seu papel na sociedade.

No panorama nacional, as iniciativas de preservação dos cemitérios datam do início do século XX. Ações e discussões a respeito da defesa do patrimônio funerário estão presentes no



Decreto-Lei nº 74, de 21/11/1966, por meio da criação do Conselho Federal de Cultura (CFC).⁶ Em 1968, após a denúncia de uma possível venda de peças do mausoléu da família do Barão de Cajuíba, localizado na cidade do Rio de Janeiro, a Comissão de Legislação e Normas do Conselho Federal de Cultura estabeleceu que quaisquer túmulos de valor histórico e artístico nos cemitérios públicos não são passíveis de negociação. A classificação quanto à importância histórica e artística e a proteção dos túmulos são de responsabilidade dos órgãos federais, estaduais e municipais (Castro, 2010a).

Na esfera estadual, alguns estados realizam ações para o reconhecimento dos cemitérios como bens patrimoniais. No Paraná, a Secretaria de Estado da Cultura Estadual tombou elementos funerários. Já em São Paulo, o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo tombou, em 2005, o Cemitério da Consolação (1858), que se tornou um local turístico, assim como o Cemitério dos Protestantes (1864) e o Cemitério da Ordem Terceira do Carmo (1868) (Castro, 2010a; Tavares, 2016).

Tais ações dos órgãos responsáveis pela proteção e conservação dos bens culturais, assim como o interesse crescente de estudos que abordam esse tema, indicam a relevância dos cemitérios como patrimônio cultural no cenário internacional e nacional. Nessa perspectiva, salienta-se a importância do investimento na educação patrimonial como metodologia de preservação do patrimônio cultural cemiterial.

Ao longo da história, o cemitério consiste em um elemento turístico antigo, muitas vezes realizado com intenções religiosas ou de peregrinação (Stone, 2012). Fomentado pelo turismo desde meados do século XX, os cemitérios proporcionaram a criação, em todo o mundo, de destinos turísticos que fazem referência à morte ou que envolvem visitas específicas, como aos "locais do holocausto", aos "lugares de atrocidade", às "prisões" e às "atrações do patrimônio da escravidão" (Stone, 2012).

Os espaços cemiteriais, cada vez mais tornam-se um roteiro popular de visitação. Os visitantes são atraídos pela história, arquitetura, monumentos e estátuas, indicando o reconhecimento de seu valor patrimonial e revelando seu potencial educacional (Young & Light, 2016). Para preservar e explorar esse potencial é preciso intensificar as atividades de educação patrimonial e planejar novas maneiras de aproximação entre a comunidade e os bens culturais, concomitantemente. Portanto, ao identificar os cemitérios como importantes componentes do turismo, cabe às visitas guiadas o papel de instrumento para intensificar a noção de pertencimento, propiciadora da arte, do folclore e, inclusive, da preservação (King, 2004; Massachusetts Department of Conservation and Recreation, 2009).

De acordo com Rigo (2015), o cemitério constitui uma ferramenta pedagógica que: (I) instiga a curiosidade; (II) proporciona uma discussão e reflexão sobre a finitude humana e a diversidade religiosa; (III) muda a percepção do cemitério para um espaço de memória e arte; (IV) promove abordagens que utilizam o espaço cemiterial e o tema da morte como inspiração. A visita guiada em cemitérios, mediada por profissionais qualificados e especializados, é um exemplo de atividade de educação patrimonial realizada em âmbito nacional e internacional.

⁶ Decreto-Lei n.º 74, de 21 de novembro de 1966. (1966, 21 de novembro). Cria o Conselho Federal de Cultura e dá outras providências. Casa Civil.



Esta prática, além de demonstrar o valor turístico e cultural dos cemitérios, revela a sua importância para a posteridade, elevando o potencial turístico dos cemitérios e das necrópoles que guardam as histórias e a singularidade da arte cemiterial (Sobotka & Dlugozima, 2015).

A próxima seção aborda o objeto de estudo, o Cemitério do Bonfim, construído no final do século XIX, na cidade de Belo Horizonte / MG.

O Cemitério do Bonfim

O Cemitério Municipal, na época da nova capital do estado de Minas Gerais, posteriormente denominado Cemitério do Bonfim, é um espaço laico que precede em alguns meses à inauguração oficial da cidade.⁷ Funde-se com a história da capital mineira, planejada como sede do poder político e administrativo do estado, construída sobre o Arraial do Belo Horizonte e inaugurada em 12 de dezembro de 1897 (Almeida, 2016a; Grossi, 1997; Mundim, 2011).

A arquitetura eclética da capital empregada nos edifícios públicos e mansões dos líderes políticos e econômicos é, em sua maioria, obra dos italianos imigrantes trazidos pela elite política para a construção da cidade de Belo Horizonte (BH), que era desprovida de mão de obra especializada. As esculturas que compunham o cenário belo-horizontino atribuíram aos italianos o título de “meros artesãos comissionados”, dos quais as “obras acabam por configurar a ‘fisionomia’ de Belo Horizonte”, considerada a “cidade das imagens” (Ávila, 2008, p. 14).

Assim como a cidade, o Cemitério do Bonfim também foi influenciado pelas características higienistas e teve a cooperação de médicos sanitaristas para aplicação das exigências de limpeza, de busca de ar e luz aplicados às cidades europeias (Grossi, 1997). Estes foram os parâmetros usados na seleção do local para a implantação do Cemitério do Bonfim, construído distante do perímetro urbano, à época. A necrópole está localizada na região noroeste de BH, no bairro que recebe o mesmo nome, Bonfim, e ocupa grande parte deste. O uso dos imóveis na região é predominantemente residencial unifamiliar, com poucos espaços públicos de lazer, restritos apenas a algumas áreas verdes e praças. Nas ruas mais movimentadas, verifica-se uma área comercial intensificada (Freire, 2011; Peixoto, Belmonte, da Silva, & de Andrade, 2018; Solla, 2017).

A implantação do cemitério remete à linguagem arquitetônica e estética da cidade, que rompe com as tradições religiosas nas quais se baseiam os costumes da época. O projeto é composto por 54 quadras (Figura 1) e está localizado no cruzamento entre as duas avenidas principais. Numa praça ajardinada, à esquerda, encontra-se o prédio do necrotério, que apresenta características do estilo eclético predominante nas edificações da capital (Almeida, 2016b).

⁷ O primeiro sepultamento foi o da menina Bertha Adèle Thérèse de Jaegher (16/02/1877-06/02/1897), filha do engenheiro belga Joseph François Charles de Jaegher, um dos construtores do cemitério. Disponível em: <http://www.belgianclub.com.br/pt-br/heritage/gradil-de-ferro-t%C3%BAmulo-de-bertha-adele-th%C3%A9reze-de-jaegher-1877-1897>. Acesso em: 24 jul. 2022.





Figura 1. Foto aérea do Cemitério do Bonfim
Fonte: Google Earth. Acesso em: 29 jan. 2019.

A ornamentação de túmulos está presente ao longo de toda a história, mais precisamente no século XIX e começo do século XX. Os cemitérios oitocentistas eram uma nova perspectiva do sepultamento, expressando a visão do mundo dos vivos sobre o mundo dos mortos, por meio de elementos decorativos greco-romanos e barrocos, presentes nas edificações da cidade (Mundim, 2011). Assim como os lugares de sepultamento construídos nessa época, os cemitérios oitocentistas refletem a sociedade, por meio dos túmulos suntuosos e espaços privilegiados, que expressam o poder e a ostentação (Almeida, 2007).

As esculturas fazem parte do Cemitério do Bonfim, que ganhou significativo acervo de obras (Figura 2).

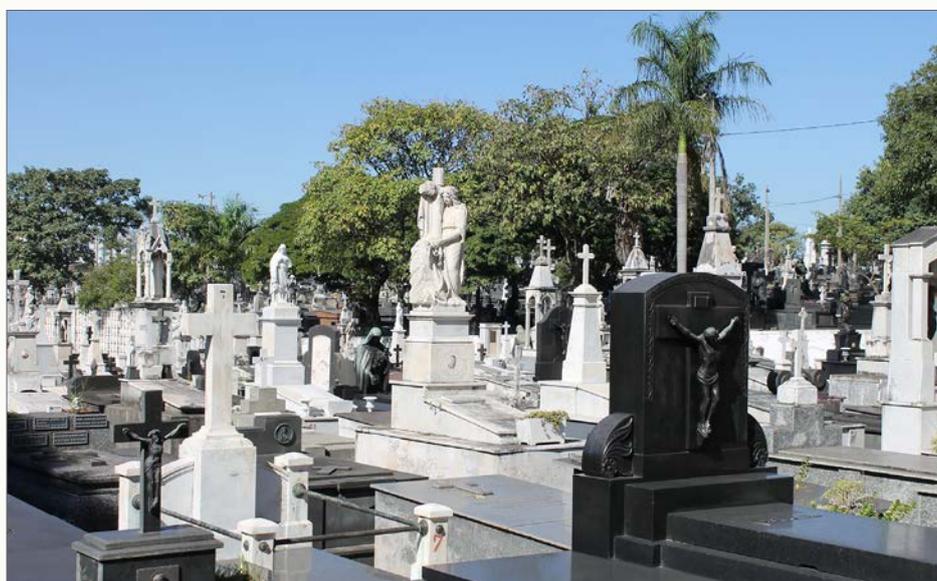


Figura 2. As obras nos túmulos do Cemitério do Bonfim
Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.

A partir de 1940 a área central da cidade transformou-se em centro econômico e político. Assim, a especulação imobiliária ocasionou a demolição de vários prédios do início da construção de Belo Horizonte e a verticalização das edificações, causando esquecimento de

esculturas em diversas praças. Sabe-se, no entanto, que as obras encomendadas pelas famílias influentes e importantes da capital permanecem no acervo de esculturas do Cemitério do Bonfim (Ávila, 2008; Jesus, 2014). Esculturas, grandes lápides e mausoléus fazem referência aos comportamentos presentes na população mineira. Representam as classes sociais e as famílias influentes na vida econômica e política da cidade (Figuras 3 e 4).



Figura 3. Jazigo da Família Fernandes
Figura 4. Jazigo da Família Falci
Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.

O crescimento acelerado da população e, conseqüentemente, da cidade, ocasionou várias interferências no Cemitério do Bonfim, como o estreitamento das ruas e a redução de calçadas, que em 1942 teve sua capacidade esgotada (Freire, 2011). Atualmente, o Cemitério do Bonfim abriga 17.360 mil sepulturas e 215.035 mil sepultados.⁸

Algumas atividades de educação patrimonial ocorrem ou aconteceram no Cemitério do Bonfim, como: (I) visita guiada ao cemitério do Bonfim; (II) minicurso de qualificação dos guias de turismo de Belo Horizonte; (III) passarinhada no Cemitério do Bonfim; (IV) aplicativo “Cemitérios BH”, desenvolvido pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) para facilitar a visita sem a presença dos guias.

O Projeto “Visita guiada ao Cemitério do Bonfim” é uma atividade extensionista, promovida pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) em parceria com Fundação

⁸ Dados atualizados em janeiro de 2022. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-de-parques-e-zoobotanica/cemiterios/cemiterio-do-bonfim> Acesso em: 24 jul. 2022.

de Parques Municipais e Zoobotânica (FPMZB) e o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG). As visitas promovem, gratuitamente, a visitação ao espaço com ênfase na educação patrimonial, desde 2012.

De maneira geral, o público é diversificado: alunos de escolas de ensino fundamental, médio e terceiro grau, tanto públicas quanto privadas; pessoas interessadas na história da cidade; turistas; profissionais do turismo; dentre outros. Durante os dias da semana, as visitas são dirigidas ao atendimento às escolas, que agendam diretamente com a coordenadora do Projeto. Aos finais de semana, especificadamente no último Domingo de cada mês, as visitas são orientadas à população em geral, que podem ser agendadas por *e-mail* ou telefone, e são realizadas voluntariamente pela professora Marcelina das Graças de Almeida (Escola de *Design* | UEMG) e por Roberto Fernandes da Silva e Júlio César de Aguiar Santana (Almeida, 2016b; 2018).

O Minicurso de Qualificação dos Guias de Turismo sobre o Cemitério do Bonfim consiste em uma atividade de educação patrimonial, cujo objetivo é ampliar o conhecimento dos guias de turismo, mediado pelo conhecimento da história da cidade e do Cemitério, construir roteiros para a realização de visitas guiadas e intensificar a sua visitação (Primo, 2018)⁹. No ano de 2018, o Minicurso foi oferecido pela Profa. Marcelina das Graças de Almeida (Escola de *Design* | UEMG), em conjunto com a Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte (BELOTUR).

O Cemitério do Bonfim também destaca-se como um recurso educativo para uma nova modalidade de turismo de aventura realizada no local, na perspectiva ecológica, principalmente em função da observação de aves que auxiliam o estudo da Biologia e a conservação das espécies. A Organização não Governamental Ecologia e Observação de Aves (ECOAVIS), que realiza eventos em favor da preservação do meio ambiente, promoveu a “Passarinhada”, uma caminhada para admirar e identificar os pássaros no cemitério. Em decorrência dessa atividade foram identificadas espécies de aves, árvores e plantas no espaço cemiterial, como plantas aromáticas, que proporcionam a diversidade de aves no local, e algumas espécies de árvores nativas e exóticas (Peixoto et al., 2018).

As visitas ao Cemitério do Bonfim também podem ser realizadas individualmente, por meio do aplicativo Cemitérios BH. Este, lançado em 2013 pela PBH, foi produzido pela Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica (FPMZB) e desenvolvido pelo *designer* gráfico Maurício Volker, disponível para telefones celulares e *tablets*, com sistema operacional Android.¹⁰ O aplicativo é abastecido com informações advindas do IEPHA-MG, no inventário realizado em 2010 a respeito da história do Cemitério do Bonfim e características do local. O mapa interativo identifica a localização dos túmulos que contêm obras de artistas, em sua maioria personalidades, desde políticos e religiosos até pessoas influentes da capital. Por meio do aplicativo é possível acessar também a descrição dos materiais, técnicas utilizadas e a época de concepção de 40 túmulos do acervo. Esta ferramenta certamente favorece o aumento do interesse e da visitação ao Cemitério do Bonfim.

⁹ Primo, H. (2018, 5 de julho). Cemitério do Bonfim: visita guiada. *Helder Primo Guia de Turismo*, online. <http://helderprimo.com.br/cemiterio-do-bonfim-visita-guiada/>

¹⁰ Dados do aplicativo Cemitério de BH. Disponível em: <https://www.mauriciobyla.art.br/sobre/> Acesso em: 24 jul. 2022.



Todas essas atividades, cada uma à sua maneira, indicam também o cemitério como um espaço educativo, pois, por meio da observação dos diversos artefatos que compõem o espaço, tornam conhecidas a história, as memórias, tanto individuais quanto coletivas, e as relações com a cidade. As interações promovidas a partir dos Projetos ocorrem em diferentes níveis: entre a comunidade e o patrimônio, que vislumbra a aproximação da sociedade com o Cemitério, a conexão com a história e cultura da cidade, assim como o interesse e sua preservação para o futuro; entre o patrimônio e seu território, que favorece a interação entre os diversos parceiros e a população interessada (instituições locais, escolas, associações, prefeitura, ONGs, movimentos sociais, dentre outros).

De acordo com Candau (2016), o fortalecimento da memória, constituído a partir dos aspectos históricos, culturais e sociais, promove os laços afetivos e o sentimento de pertencimento. Portanto, as atividades citadas proporcionam um vislumbre da complexidade do Cemitério do Bonfim, de seu papel como patrimônio cultural e de sua relevância para a educação patrimonial.

Com o intuito de identificar a competência do *Design* para a consolidação de práticas educativas, assim como reconhecer e enfatizar o papel dos estudantes no processo de criação destas, na próxima seção serão apresentados os resultados da: (I) coleta dos dados primários, por meio de entrevistas com especialistas e educadores; (II) aplicação de questionário, direcionado aos participantes das visitas guiadas que acontecem no Cemitério do Bonfim; (III) realização de *workshops* com estudantes de Design da UEMG.

Resultados

Para a coleta de dados primários foram realizadas entrevistas em abril de 2019, com especialistas que atuam na temática cemiterial no Brasil e no exterior. Foram entrevistados sete profissionais com faixa etária entre 24 e 69 anos, graduados ou cursando o Curso superior de Museologia, Antropologia, História, residentes no Brasil, Itália e Portugal. De maneira geral, estes dados permitiram à pesquisadora ampliar o conhecimento sobre a maneira como a educação patrimonial é aplicada no contexto cemiterial, e quais são os compromissos dos profissionais da área com o ensino. Nesta perspectiva, verificou-se a relevância da educação patrimonial para sensibilização da sociedade, de modo a despertar o sentimento de pertencimento, o entendimento e reconhecimento da importância da história da cidade, que inclui a sua própria história. Acrescente-se a confirmação da necessidade de compreensão da metodologia de educação patrimonial para sua prática, assim como a amplitude de seu alcance.

Na sequência, foram analisados os dados coletados por questionários aplicados entre abril e novembro de 2018, aos participantes das Visitas Guiadas ao Cemitério do Bonfim, com o intuito de verificar o perfil dos visitantes, compreender o interesse e as relações geradas entre eles, o espaço e a temática. Foram validados 93 questionários, que indicaram que as Visitas Guiadas: (I) proporcionam um conhecimento acerca da história e dos personagens ilustres de BH, do Cemitério do Bonfim, das obras encontradas e de seus idealizadores, da cultura e da sociedade belo-horizontina; (II) oportuniza experiências; (III) estimula o pensar e o agir dos



participantes, por intermédio da convivência; (IV) possibilita uma mudança de perspectiva nas relações com o espaço e a sociedade; (V) sensibiliza a população com a temática.

Posteriormente foram ministrados workshops empregando a inovação dirigida pelo *Design*, com base na metodologia do *Design* Estratégico a 25 estudantes de *Design*. O objetivo dessa etapa foi examinar o entendimento dos estudantes de *Design* em relação: (I) às temáticas do *Design*, patrimônio cultural, educação patrimonial e Cemitério do Bonfim; (II) à articulação das informações; (III) ao compartilhamento do conhecimento; (IV) ao uso das competências do *Design* na interpretação do cenário; (V) à experimentação da técnica de projeção por meio de cenários futuros; (VI) à aplicação da metodologia do *Design* Estratégico na elaboração colaborativa de atividades para a educação patrimonial no Cemitério do Bonfim. A partir da realização dos *workshops*, verificou-se que as atividades elaboradas com base no *Design* contribuíram para facilitar a interação entre os participantes, estimulam o compartilhamento de conhecimento, a troca de experiências pessoais, o envolvimento coletivo com os temas trabalhados, a convergência de diferentes abordagens em um processo de projeção de cenários futuros, além contribuir para estreitar os laços entre o *Design* e o patrimônio cultural.

Importante ressaltar que, durante esta atividade, observou-se que a metodologia do *Design* Estratégico, delimitada pelas etapas *descobrir, analisar, desenvolver e apresentar*, não ocorreram de maneira linear. Pelo contrário, foram se adequando às novas informações que surgiam a partir da interação entre os participantes, e acabaram por reorientar a projeção de cenários (Oh, 2013). Diante desses dados, a metodologia do *Design* Estratégico se afirmou como articuladora e mediadora de perspectivas e estimuladora de discussão na geração de alternativas diferentes às questões levantadas, podendo ser usada para induzir uma tomada de decisão e promover transformações e oportunidades para o futuro.

Discussão

Os resultados apresentados evidenciam a carência de entendimento, por parte dos graduandos, acerca da temática 'patrimônio cultural'. Nesse sentido, a pesquisa direcionou a elaboração de atividades para educação patrimonial aos estudantes do ensino médio, visando maximizar seus conhecimentos. Dessa maneira, independentemente dos graduandos não contarem com experiência no trabalho com os temas patrimônio cultural, educação patrimonial e cemitérios, o resultado indicou o *Design* como processo para observar, compreender e impulsionar conexões entre atores e diversos campos, com o objetivo de elaborar soluções participativas, colaborativas e inovadoras de realidades futuras.

As atividades contribuíram para uma ressignificação do espaço e de sua apropriação, além de estimular a sensibilização, a valorização e a consequente preservação do Cemitério do Bonfim, como bem cultural de Belo Horizonte. Os dados revelaram que a educação patrimonial nos cemitérios é um possível e fértil campo de atuação do designer, tanto na divulgação e promoção dos espaços cemiteriais como na elaboração e aplicação de atividades educativas.

Nesse contexto, a pesquisa justifica a proposição de um Caderno de Atividades para a Educação Patrimonial, destinado aos estudantes do ensino médio, elaboradas para uma



aplicação pelos seus educadores. Tal proposição, fundamentada pela metodologia do *Design Estratégico* e na abordagem do *Design Sistêmico*, está alinhada à metodologia da educação para o patrimônio cultural e aos parâmetros estabelecidos pela BNCC (Brasil, 2017¹⁴).

As atividades foram reunidas em um Caderno, mediante emprego do método de projeção de *Design* como suporte às conexões entre a ação, pensamento e implementação (Fontoura, 2002). Do mesmo modo, por meio do discernimento intuitivo e do pensamento científico, as experiências emocionais, cognitivas e estéticas foram enfatizadas, a fim de estabelecer uma conexão entre os estudantes, a cultura, o meio ambiente e a educação (Florêncio, 2015).

As ações foram planejadas com o intuito de promover a criatividade, incentivar o compartilhamento de vivências e a colaboração dos estudantes do ensino médio, desde o início do processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, o emprego da metodologia do *Design Sistêmico* do professor Bistagnino (2009) mostrou-se apropriado para: (I) compreender o contexto local de maneira holística; (II) perceber, enfatizar, criar e fortalecer relações; (III) reconhecer e valorizar os estudantes como indivíduos capazes de se relacionar, bem e melhor, com o meio social, ambiental, cultural e ético.

A abordagem metodológica da educação patrimonial forneceu suporte essencial para a formulação de Caderno de Atividades, sobretudo em relação: (I) ao fortalecimento dos laços afetivos, sociais e simbólicos; (II) na concretização dos conhecimentos e experiências significativas; (III) na valorização da identidade dos estudantes.

Com fundamentação na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), buscou-se (I) estimular a curiosidade e a aprendizagem; (II) protagonizar o aprendizado; (III) valorizar o papel social dos estudantes; (IV) promover o diálogo entre os atores envolvidos; (V) atuar colaborativamente; (VI) relacionar teoria e prática; (VII) trabalhar com contextos diversos; (VIII) desenvolver as potencialidades dos estudantes; (IX) proporcionar aos estudantes o conhecimento e o respeito a si e ao próximo. Nesse sentido, as atividades propostas buscaram despertar a compreensão dos estudantes como parte da sociedade frente à construção coletiva do conhecimento (Florêncio, 2015; IEPHA, 2010).

A metodologia do *Design Estratégico* revelou tratar-se de um potente estímulo para a interação entre os diversos atores sociais com os diferentes pontos de vista; para a discussão e reflexões sobre a realidade; e, conseqüentemente, abertura para a construção de cenários futuros (Manzini, 2008; Meroni, 2008). O Caderno de Atividades proposto, organizado em etapas, é composto por quatro atividades educativas: *Descoberta*; *Criando Sentido*; *Projetando*; e, *Fazendo Funcionar*.

A primeira etapa, *Descoberta*, propõe equalizar e enriquecer o ensino-aprendizagem das temáticas. Os objetivos são compreender as interpretações dos estudantes em relação ao bem cultural e construir, em conjunto, conceitos acerca das temáticas abordadas; introduzir a temática cemiterial; pesquisar os aspectos históricos, sociais, culturais e econômicos do

¹⁴ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 15 abr. 2019.



território no qual o bem cultural está inserido, direcionando os aspectos a serem trabalhados pelo educador nas próximas etapas.

A segunda etapa, *Criando Sentido*, é dirigida ao entendimento do Cemitério do Bonfim de maneira mais ampla, como espaço educativo, que guarda a memória e a história da cidade. Propõe a realização de visita guiada ao bem cultural, dividida em dois momentos: visita guiada por um profissional especialista, mediante um roteiro que explique a história do Cemitério; e, no segundo momento, cada estudante registra os sentimentos despertados, as ressignificações produzidas, utilizando fotos para ilustrar as percepções pessoais e curiosidades do espaço. Em seguida, faz-se a exposição das fotografias produzidas durante a visita guiada e uma análise crítica das apresentações dos colegas. A intenção dessas apresentações é promover uma compreensão do olhar do outro, para que a escola transforme-se em um ambiente propício ao aprendizado compartilhado. A última atividade promove o trabalho em equipe, o compartilhamento dos conhecimentos e os pontos de vista dos estudantes, na criação do *briefing* para a proposição de novas atividades a serem realizadas no Cemitério do Bonfim.

A partir do *briefing* construído, na etapa *Projetando*, o grupo deve criar um cenário futuro desejável, método de projeção do Design Estratégico, que possibilitará visualizar novas maneiras de conexão, explicitando uma relação afetiva e efetiva construída com o patrimônio cultural. A primeira fase consiste no embasamento teórico acerca dos temas trabalhados a partir de pesquisa de obras análogas, dos atores sociais envolvidos, das relações existentes entre a comunidade e o bem cultural. Na sequência, cada grupo deve decidir como apresentar a solução e realizá-la para a turma. Aqui, o *design* é aplicado ao ensino mediante a construção de projetos, modelos e protótipos. A última atividade dessa etapa acontece durante as apresentações. Cada aluno deve anotar os pontos positivos e negativos das soluções apresentadas, que deverão ser argumentados com toda turma, a fim de contribuir para a melhoria dos cenários propostos.

A última etapa do Caderno de Atividades, *Fazendo Funcionar*, visa divulgar o trabalho realizado e o compartilhamento do ensino-aprendizado aos demais colegas. Para tanto, os estudantes deverão modificar a solução desenvolvida às demandas levantadas pelos demais colegas e apresentá-la para a comunidade escolar. Na primeira fase, o grupo deve desenvolver uma reflexão sobre as observações apresentadas pelos colegas, verificar se os ajustes e adequações estão alinhados com os propósitos e objetivos do *briefing*. Após a análise, trata-se de verificar como realizar tais alterações. Por fim, a segunda fase consiste no compartilhamento da solução aprimorada para os demais estudantes. Sugere-se que seja realizada em um evento que ocorra na escola (Figura 5).



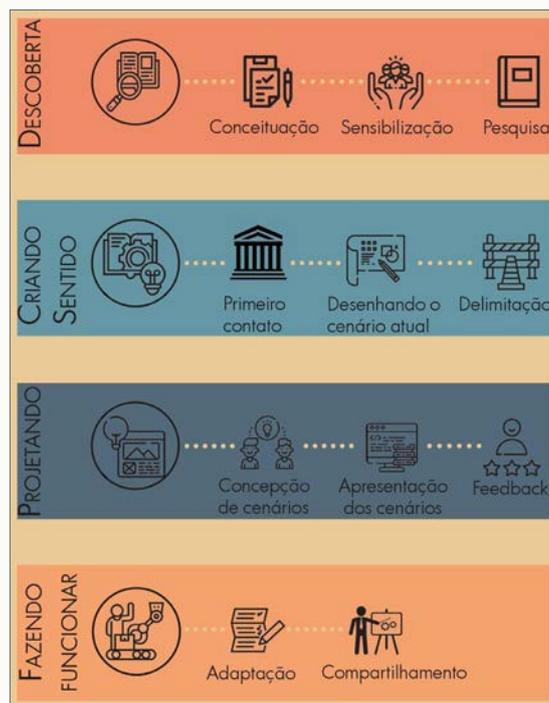


Figura 5. Etapas propostas
Fonte: elaborada pela autora, 2019.

Importante ressaltar que tais atividades propostas podem ser adaptadas, cabendo ao educador o discernimento de uso das técnicas de acordo com as situações nas quais os estudantes estão inseridos. As quatro etapas foram configuradas em fases representadas, de maneira sintética, por quadros informativos que exibem uma breve descrição das ações propostas, acrescentadas por uma lista de técnicas e ferramentas sugeridas para facilitar sua prática, de modo a favorecer os processos criativos, facilitar a experiência, organizar o pensamento e tornar o projeto viável e visível (Figura 6).



CONCEITUAÇÃO

Construindo conceitos.

Objetivos:

- Identificar o conhecimento que os estudantes possuem a respeito das temáticas;
- Compreender as percepções dos estudantes acerca do bem cultural;
- Construir os conceitos colaborativamente.

Descrição:

Compartilhamento, por meio da vivência do conhecimento, construção de conceitos mediante a aprendizagem na prática.

Sugestão de ferramentas:



Brainstorming



Vídeo



Revisão da Literatura



Figura 6. Conceituação (Fase 1 da Etapa Descoberta)
Fonte: elaborada pela autora, 2019.

Apesar da sugestão de técnicas e ferramentas, dispostas nas atividades para a educação patrimonial, o Caderno de atividades não pressupõe uma ordem de aplicação, podendo ser utilizado em fases distintas, de acordo com cada situação. A apresentação e descrição das informações sobre cada instrumento foram padronizadas (Figura 7).

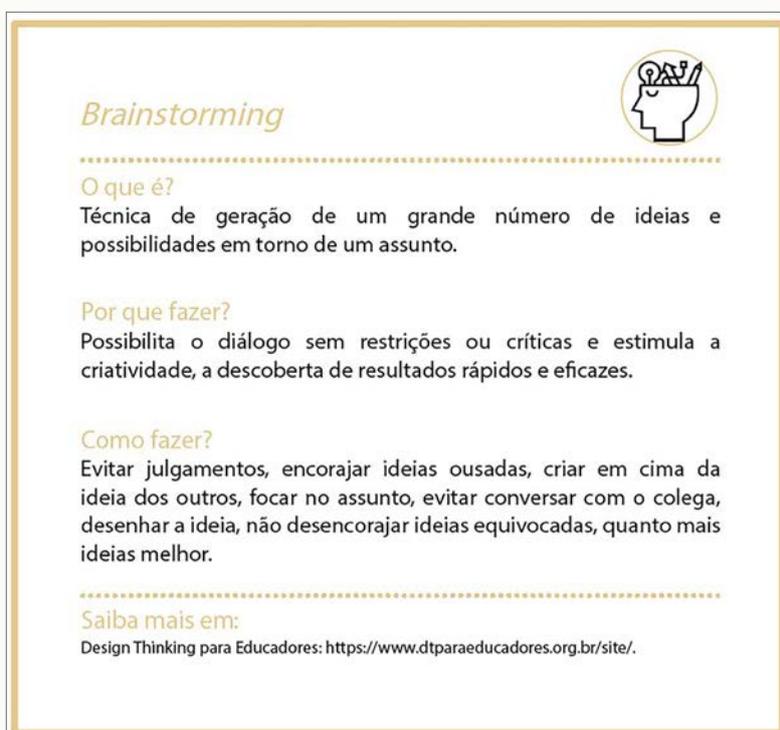


Figura 7. Modelo de apresentação das técnicas e ferramentas
Fonte: elaborada pela autora, 2019.

Finalmente, o denominado *Caderno de Atividades para a Educação Patrimonial Orientadas pelo Design* pretende transcender à transmissão de informações sobre o patrimônio cultural, por meio do esforço para instigar o pensamento crítico dos estudantes do ensino médio.

Considerações Finais

O artigo visou demonstrar como o *Design* pode contribuir na elaboração de atividades voltadas para a educação patrimonial no âmbito cemiterial. Para tanto, foi realizada revisão da literatura, que embasou: os temas centrais; as iniciativas de preservação e de educação patrimonial cemiterial; a aproximação do *Design* com o patrimônio cultural, a partir das atividades de educação patrimonial que acontecem no Cemitério do Bonfim. Essa etapa confirmou o designer como promovedor de experiências significativas para a mudança social, na medida em que o contato com o bem cultural foi experimentado; enfatizou sua interdisciplinaridade e revelou a conexão com o patrimônio cultural, afirmando-o como facilitador na educação patrimonial e na sensibilização acadêmica.

Os dados primários foram levantados por aplicação de entrevistas, essenciais para ampliar o entendimento acerca das práticas de educação patrimonial realizadas no aspecto cemiterial, estender a percepção da importância do conhecimento do tema para sensibilizar e aumentar a preservação do patrimônio e dar visibilidade para a atuação do profissional de *Design*. As entrevistas e questionários aplicados possibilitaram identificar o perfil dos visitantes do Cemitério do Bonfim, verificar a geração do sentimento de pertencimento e a mudança de sentimentos e suas relações com o espaço. Também favoreceram a tomada de decisão quanto ao público-alvo para a utilização do Caderno de Atividade, os estudantes do ensino médio. As ferramentas da metodologia do *Design* Estratégico foram usadas na elaboração dos *workshops*. O objetivo foi averiguar uma possível utilização na construção das atividades. Os resultados comprovaram que a metodologia estimula a discussão e proporciona soluções colaborativas, pela criação de cenários.

Dessa forma, a pesquisa identificou a competência do *Design* para a consolidação de práticas educativas, reconheceu e enfatizou a participação dos estudantes no processo. Os dados levantados a partir da revisão da literatura e a pesquisa de campo deram subsídios para a proposição do Caderno, desenvolvido aos estudantes do ensino médio.

O *Caderno de Atividades para a Educação Patrimonial orientadas pelo Design* foi projetado via processo de *Design*. A proposta aspirou, de maneira concisa e prática, idealizar atividades para a educação patrimonial a serem aplicadas, utilizando diferentes bens culturais em outros contextos, ainda que o Caderno seja direcionado ao Cemitério do Bonfim. Estas foram segmentadas em etapas e fases, auxiliadas por técnicas e ferramentas. Entretanto, as particularidades dos cenários poderão indicar as mais eficazes para cada experiência. A validação das atividades não foi realizada, o que denota a relevância de uma proposta de pesquisa futura, para testagem, ajustes e aperfeiçoamento do Caderno.

Referências Bibliográficas

Almeida, M. das G. de. (2007). *Morte, cultura, memória: múltiplas interseções – uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais].

Almeida, M. das G. de. (2014). O cemitério do Nosso Senhor do Bonfim: controle e ordenação da morte nos primórdios da capital mineira. *Revista Eletrônica do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte*, 1 (1), 66-80.

Almeida, M. das G. de. (2016a). Percursos para um itinerário cultural: as visitas guiadas ao Cemitério do Bonfim, interlocuções entre arte, história e memória. *Anais do 4º Colóquio Ibero-americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto*. Universidade Federal de Minas Gerais.

Almeida, M. das G. de. (2016b). Cemitério do Bonfim: arte, história e patrimônio—debate sobre uma experiência. *Fórum Patrimônio: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável*, 9 (2), 1-25.

Almeida, M. das G. de. (2018, agosto). Itinerários da memória: o cemitério como espaço de recordação – roteiros e trajetos. *Anais do XXI Encontro Regional de História*. Unimontes. <https://doi.org/10.22533/at.ed.66119170418>



- Ávila, M. (2008). *O retrato na rua: memórias e modernidade na cidade planejada*. Belo Horizonte: UFMG.
- Bistagnino, L. (2009). *Design sistemico: progettare la sostenibilità produttiva e ambientale*. Via Audisio: Slow Food Editore.
- Bistagnino, L. (2016). Design Sistemico: uma abordagem interdisciplinar para a inovação. In D. Moraes & L. Krucken (Org.). *Cadernos de estudos avançados em Design: Sustentabilidade II* (2ª ed., pp. 13-29). Belo Horizonte: UEMG.
- Canclini, N. G. (1994). O patrimônio e a construção do imaginário nacional. Tradução: Maurício Santana Dias. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 23, 94-115.
- Candau, J. (2016). *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto.
- Castriota, L. B. (2009). *Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Annablume.
- Castro, E. T. (2010a). Cemitérios em destaque: iniciativas nacionais e internacionais pela preservação do patrimônio funerário. *Anais do III Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais*. Piracicaba.
- Castro, E. T. (2010b). Cemitérios, nosso patrimônio nacional: a ação do IPHAN com relação ao patrimônio funerário brasileiro. *Anais do III Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais*. Piracicaba.
- Costa, A. C. S. da. (2011). *Higiene, elegância e embelezamento: representações e discurso higienista na fundação de Belo Horizonte (1892-1907)*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília].
- Costa, M. L. A. da. (2013). *Design para a inteligibilidade e fruição do patrimônio intangível: Itinerários poéticos na cidade de Lisboa*. [Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa].
- Denis, R. C. (1998). Design, cultura material e o fetichismo dos objetos. *Revista Arcos*, 1 (n. único), 14-39.
- Florêncio, S. R., Clerot, P., Bezerra, J., & Ramassote, R. (2012). *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos*. Brasília: IPHAN. http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducacaoPatrimonial_m.pdf
- Florêncio, S. R. R. (2015). Educação Patrimonial: algumas diretrizes conceituais. In A. R. S. Pinheiro (Org.). *Cadernos do patrimônio cultural: Educação Patrimonial* (pp. 21-32). Fortaleza: IPHAN.
- Fontoura, A. M. (2002). *EdaDe: educação de crianças e jovens através do Design*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina].
- Forty, A. (2007). *Objetos de desejo: Design e sociedade desde 1750*. São Paulo: Cosac Naify.
- Franzato, C., & Celaschi, F. (2012). Processo de metaprojeto para o desenvolvimento estratégico e a inovação das organizações. *Anais do 10º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. Universidade Federal do Maranhão.

- Freire, C. M. P. (2011). Do outro lado da linha do trem: história e intervenções no bairro Lagoinha. *Caderno de História*, 12 (16), 110–136.
- Grossi, Y. de S. (1997). Belo Horizonte: qual Pólis? *Cadernos de História*, 2 (3), 12-24.
- Grunberg, E. (2007). *Manual de atividades práticas de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN.
- Horta, M. de L. P., Grunberg, E., & Monteiro A. Q. (1999). *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. (2010). *Manual diretrizes para a educação patrimonial*. Belo Horizonte: IEPHA.
- Jacobi, P. R., De Toledo, R. F., & Grandisoli, E. (2016, março). Education, sustainability, and social learning. *Brazilian Journal of Science and Technology*, 3 (1), 1-8. <https://doi.org/10.1186/s40552-016-0019-2>
- Jesus, C. R. de. (2014, setembro). A beleza da margem, à margem da beleza: a construção do espaço público em Belo Horizonte. *GEOUSP: Espaço e Tempo*, 18 (2), 341-356. <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2014.84537>
- King, G. G. (2004). *Michigan historic cemeteries preservation guide*. Canton: Charter Township of Canton.
- Krucken, L. (2008). Competências para o Design na sociedade contemporânea. In D. de Moraes & L. Krucken (Orgs.). *Cadernos de estudos avançados em Design: transversalidade* (pp. 23-32). Belo Horizonte: Santa Clara.
- Le Goff, J. (1990). *História e memória*. Campinas: UNICAMP.
- Londoño, J. L. I. (2005). Carta internacional de Morelia. Relativa a cementerios patrimoniales y arte funerario. *Apuntes. Revista de Estudos Sobre Patrimônio Cultural*, 18 (1-2), 154-157.
- Maltêz, C. R., Sobrinho, C. P. C., Bittencourt, D. L. A., Miranda, K. Dos R., Martins, L. N., & De Castro, M. (2010, novembro). Educação e patrimônio: o papel da escola na preservação e valorização do patrimônio cultural. *Pedagogia em Ação*, 2 (2), 1-117.
- Manzini, E. (2008). *Design para inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais*. Rio de Janeiro: E-papers.
- Massachusetts Department of Conservation and Recreation. (2009). *Preservation guidelines for municipally owned historic burial grounds and cemeteries* (3th ed.). Boston: Massachusetts Department of Conservation and Recreation.
- Meroni, A. (2008, julho a dezembro). Strategic Design: where are we now? Reflection around the foundations of a recent discipline. *Strategic Design Research Journal*, 1 (1), 31-38. <https://doi.org/10.4013/sdrj.20081.05>
- Moraes, D. de. (2011). Metaprojeto como modelo projetual. In D. de Moraes; R. A. Dias; R. B. Conselho (Orgs.). *Cadernos de estudos avançados em Design: método* (pp. 35-51). Barbacena: EdUEMG.

Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez.

Mozota, B. B., Klopsch, C., Da Costa, F. C. X., De Borba, G. S., & Ribeiro L. B. (2011). *Gestão do Design: usando o Design para construir valor de marca e inovação corporativa*. Porto Alegre: Bookman.

Mundim, L. G. M. (2011). As necrópoles como patrimônio cultural: reflexões sobre o inventário do Cemitério do Bonfim em Belo horizonte. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. Universidade de São Paulo.

Oh, Y. (2013). Métodos para criatividade emocional. In D. de Moraes; R. A. Dias (Orgs.). *Cadernos de estudos avançados em Design: emoção* (pp. 63-76). Barbacena: EdUEMG.

Pêgo, K. A., & Miranda, P. (2014). Design sistêmico: relações entre território, cultura e ambiente no âmbito da estrada real. *Strategic Design Research Journal*, 7 (3), 101-109. <https://doi.org/10.4013/sdrj.2014.73.01>

Peixoto, A. G., Belmonde, A. G., Da Silva, F. M., & De Andrade, V. L. (2018, 31 de dezembro). Biogeografia dos diferentes ambientes ecológicos na paisagem citadina: aspectos a partir da observação da avifauna urbana no/do Parque Cemitério do Bonfim. Conteúdo Jurídico, online. <https://www.conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/52544/biogeografia-dos-diferentes-ambientes-ecologicos-na-paisagem-citadina-aspectos-a-partir-da-observacao-da-avifauna-urbana-no-do-parque-cemiterio-do-bonfim-belo-horizonte-mg>

Ribeiro, G. R. P. L. da C., & Prados, R. M. N. (2014). Discurso e cultura na arte tumular: estudo semiótico, espaço de representação e memória. *Acta Semiótica et Linguística*, 19, 39-48.

Rigo, K. F. (2015). *Vamos começar pelo fim?: a pedagogia cemiterial como projeto educativo no espaço escolar*. [Tese de Doutorado, Faculdade de EST].

Sanders, E. B. N., & Stappers, P. J. (2018). Co-creation and the new landscapes of Design. *CoDesign International Journal of CoCreation in Design and the Arts*, 4 (1), 5-18. <https://doi.org/10.1080/15710880701875068>

Serpa, B., & Cipolla, C. (2016). Inovação social e processos de cocriação para empoderamento da comunidade escolar. *Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. São Paulo. <https://doi.org/10.5151/despro-ped2016-0183>

Sobotka, S., & Długozima, A. (2015). Evaluation and development opportunities of the disused lutheran cemeteries within the maskulińskie and pisz forest divisions for thanatourism. *Tourism: The Journal of University of Lodz*, 25 (1), 67-75. <https://doi.org/10.2478/tour-2014-0021>

Solla, L. F. S. (2017). Bairro Bonfim e a (não) gentrificação. *Anais do 2º Seminário de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação*. Universidade Federal de Minas Gerais.

Stone, P. R. (2012). Dark tourism and significant other death: towards a model of mortality mediation. *Annals of Tourism Research*, 39 (3), 1565-1587. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2012.04.007>

Tavares, D. K. (2016). *Uma necrópole esquecida e os valores para a sua conservação: o British Cemetery no Recife em perspectiva*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas].

Young, C., & Light, D. (2016). Interrogating spaces of and for the dead as “alternative space”: cemeteries, corpses and sites of Dark Tourism. *International Review of Social Research*, 6 (2), 61-72. <https://doi.org/10.1515/irsr-2016-0009>

Recebido em: 31 de dezembro de 2021

Aprovado em: 7 de outubro de 2022

